

#### 4. Três Retábulos Rococó da “Sala da Capela de Delães” do Museu de Santa Maria de Lamas

Memória, sob forma de Talha dourada, da demolida “Igreja Velha” do Divino Salvador de Delães (Vila Nova de Famalicão)

##### Resumo

Existe na coleção de *Henrique Amorim* (1902-1977) e por conseguinte no acervo do *Museu de Lamas*, numa área denominada de “*Sala da Capela de Delães*”, um conjunto retabular completo, de Retábulo-mor e dois Retábulos laterais de séc. XVIII e gramática própria do *Rococó* minhoto, cujo conhecimento da sua origem será possível de traçar. Tornando-os casos singulares neste contexto colecionista. Através de fontes escritas e imagéticas publicadas ou arquivadas, articuladas com pequenos registos de “tradição oral” delaense, é plausível afirmar que estes três Retábulos advieram, decerto a partir de 22 de abril de 1960, da demolida “*Igreja Paroquial do Divino Salvador de Delães*” (V. N. de Famalicão). Uma Igreja Matriz (também denominada na gíria local pelo termo “Igreja Velha”), com a aurora da sua construção aferida a partir de 21 de janeiro de 1745 e abertura inscrita a 30 de novembro de 1746. Adaptada nas décadas e séculos subsequentes, mas demolida em 1960 e substituída por nova edificação.

##### Palavras-chave

Talha dourada; Rococó; “Igreja Velha” de Delães; Colecionismo; Museu de Lamas.

##### Abstract

There is in the collection of *Henrique Amorim* (1902-1977) and therefore in the collection of the *Museu de Lamas*, in an area called “*Delães Chapel Room*”, a complete altarpiece set, of main altarpiece and two side altarpieces from the 18<sup>th</sup> century and grammar proper to *Rococo* of portuguese *Minho* region, whose knowledge of its origin will be possible to trace. Making them unique cases in this collecting context.

Through published and archived written and photographic sources, associated with small records of *Delães* “oral tradition”, it is plausible to say that these three altarpieces came, certainly from April 22, 1960, from the demolished “Parish Church of the Divine Savior of *Delães*” (*V. N. Famalicão*). A Mother Church (also known as “Old Church” of *Delães*), with the dawn of its construction measured from January 21, 1745 and opening inscribed on November 30, 1746. Adapted in the decades and subsequent centuries, but demolished in 1960 and replaced by a new building.

##### Keywords

Gold carving; *Rococo*; “Old Church” of *Delães*; Collecting; *Museu de Lamas*.

## De Delães para Santa Maria de Lamas

Na grande maioria do espólio de Arte Sacra, tal como noutras tipologias expositivas do *Museu de Lamas* (St.ª M.ª de Lamas, St.ª M.ª da Feira, Aveiro), a possibilidade de conhecimento exato da proveniência de determinado núcleo de três peças artísticas, especificamente de um conjunto retabular, caso dos três Retábulos provindos de Delães em estudo é, à luz do entendimento atual deste acervo e do procedimento colecionista de *Henrique Amorim* (1902-1977)<sup>1</sup> (vd. Fig. 03), algo deveras excepcional. Votado ao “coleccionismo compulsivo” o Fundador do Museu, ao longo de toda a ação de recolha preconizada – estabelecida sensivelmente de 1950 a 1977 - privilegiou a quantidade de objetos em detrimento do arquivo e difusão de qualquer descritivo concreto. Ou memorial das funcionalidades e precedência dos bens adquiridos e expostos. Histórica e maioritariamente referida como transacionada num hiato cronológico de 1950 a 1953 (Casa do Povo de St.ª M.ª de Lamas, 1985, pp. 14-16; Cleto e Faro, 2000, pp. 21-22; Botelho e Ferreira, 2005, pp. 15-19; Moncada, 2005, p. 33) a coleção de Arte Sacra do *Museu de Lamas*, derivada de diferentes geografias nacionais e aplicada, em diversas variantes, no perímetro expositivo das divisórias arquitetónicas resultantes da primeira de múltiplas fases construtivas deste complexo museológico – concluída até 5 de março de 1959 - encontra na especificidade da abordagem à Retabulística delaense algumas particularidades.

Desde logo, estes três Retábulos de programa plástico *Rococó*, identificados como os únicos provenientes de Delães na “*Sala da Capela de Delães*” do *Museu de Lamas* (vd. Figs. 01, 02 e 04), pela possível compra e trasladação operada no ano de 1960 demonstram que o historial de aquisição de património religioso por parte de *Henrique Amorim* não foi tão linear quanto se pensaria. Transpondo a tal barreira de 1953 e, inclusive, o ano de 1959 (no qual conclui a primeira fase do seu edificado museológico). É certamente com a chegada dos três Retábulos delaenses no desenrolar de 1960, após 22 de abril, que a própria sala acolhedora, preexistente antes de 5 de março de 1959 e identificada na imprensa de época pelo termo “*Capela funda*”<sup>2</sup>, passa ao desígnio renovado de “*Sala da Capela de Delães*”. Impreciso na mensagem veiculada<sup>3</sup>, mas vigente até à contemporaneidade.

Segundo documentação histórica, escrita e imagética - parca até ao momento nalguns segmentos, mas plausível - e pequenos registos de “tradição oral” e/ou “memória popular”, estes três Retábulos de Talha dourada advieram da demolida “*Igreja Paroquial do Divino Salvador de Delães*”. Uma Igreja Matriz de cronologia setecentista, erigida de raiz entre 1745 e 1746<sup>4</sup>, mas com pormenores visíveis de determinadas atualizações estruturais e artísticas desenvolvidas nas décadas e séculos subsequentes até à ocorrência da sua demolição, em 1960 (vd. Figs. 05, 06, 07, 08, 09 e 10) - passível de datar a partir de abril desse mesmo ano, em virtude do anúncio de venda da sua Retabulística publicado num periódico local, mas com superior incidência no desenrolar dos meses de maio e junho (vd. Figs. 32 a 34). Sendo que apenas a 8 de julho, prevalece no

---

[1] Vd. *História da Indústria em Portugal*, 1961, [s. p.]. & Santos, 1997.

[2] Cf. *União. Mensário de Santa Maria de Lamas*, 1978, p. 8.

[3] Errática na “memória popular” e “tradição oral” de locais e transeuntes, mas inclusive da parte da tutela do próprio Museu que numa publicação, em 1985, de um Guia de visita ao espaço, sem documentação complementar, afirmava que a totalidade do recheio de Talha dourada ensamblado na “*Sala da Capela de Delães*” proviria da antiga Igreja Paroquial delaense (Casa do Povo de St.ª M.ª de Lamas, 1985, p. 24). Tese que a pesquisa atual desmistifica – através do estabelecimento das devidas correspondências estéticas entre estruturas retabulares e documentação aferida – pois, de facto, a “*Sala da Capela de Delães*” contém a totalidade da Retabulística da demolida “*Igreja do Divino Salvador de Delães*”, restrita à numeração de apenas três elementos. O seu Retábulo e Altar-mor e os dois Retábulos e altares laterais, que na passagem para a sala do Museu que os recebe foram associados a dezenas de fragmentos de Talha e Imaginária de origens díspares da sua.

[4] Cf. Arquivo Distrital de Braga (A.D.B.), 1745-01-21. ; A. D. B., 1746-11-30.

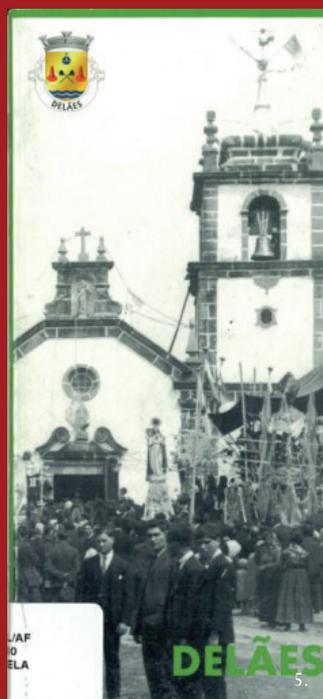
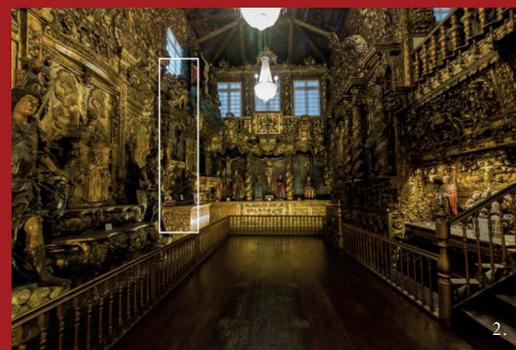
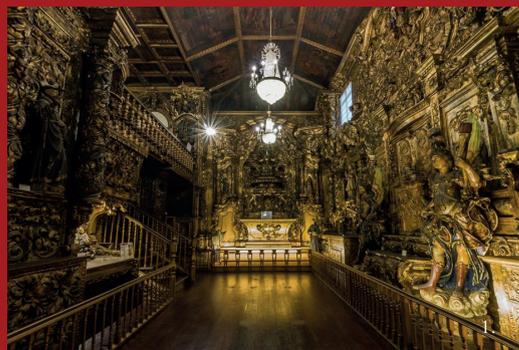
1. “Sala da Capela de Delães”, 2020. Ao centro, o antigo Retábulo-mor *Rococó* da demolida “Igreja do Divino Salvador de Delães” (1745 / 1746-1960). Museu de Lamas (M.S.M.L.), S. M. Lamas. Fotografia de Arquivo do Museu.

2. “Sala da Capela de Delães”, 2020. À esquerda do observador, delimitado através de retângulo de sinalização, um dos dois Retábulos laterais *Rococó* da demolida “Igreja do Divino Salvador de Delães” (1745 / 1746-1960) - incorporado no Museu de Lamas em 1960, numa datação posterior a 22 de abril desse mesmo ano. M.S.M.L., S. M. Lamas. Fotografia de Arquivo do Museu.

3. Henrique Amorim (1902-1977) numa visita oficial, de dignitários locais, regionais e nacionais, captado em plena exposição oral e circulação no interior do Museu de Lamas, na quarta sala do Piso superior deste edifício – a “Sala dos Presépios”. Fotografia de autoria desconhecida, cronologicamente votada ao intervalo que medeia 1959 e o primeiro mês de 1977. M.S.M.L., S. M. Lamas. Documento imagético arquivado no Museu.

4. “Sala da Capela de Delães”, 1970. Perspetiva interior de uma das paredes da Sala, captada na década de 1970 – anterior ao procedimento de estudo, intervenção de reorganização museológica e museográfica, conservação e restauro que o Museu de Lamas recebe desde 2004 - com destaque, através de retângulos de sinalização, para aqueles que seriam os dois Retábulos laterais de Talha dourada *Rococó* da antiga e demolida “Igreja Paroquial do Divino Salvador de Delães” (remontados no Museu em 1960, numa datação posterior a 22 de abril desse mesmo ano). Registo fotográfico de autoria desconhecida, difundido numa Coleção de postais editada nos anos 1970. M.S.M.L., S. M. Lamas. Fotografia de Arquivo do Museu.

5. e 6. “Igreja Velha do Divino Salvador de Delães” na década de 1930. Registo imagético (geral, à direita e pormenor extraído da mesma imagem, à esquerda), de autoria desconhecida e proveniente de arquivo particular, incluído num Boletim editado pela Junta de Freguesia de Delães - sem referência ao respetivo ano de publicação. Esta fotografia contempla a envolvência e arquitetura exterior da antiga e setecentista (de séc. XVIII – 1745/1746), “Igreja Paroquial do Divino Salvador de Delães”, Matriz da qual advieram para o Museu de Lamas, após 22 de abril de 1960, os seus três Retábulos interiores. Pelo instantâneo captado e informação suplementar, viver-se-ia diante da dita “Igreja Velha” um momento festivo no decurso da década de 1930. Ext. JUNTA DE FREGUESIA DE DELÃES - *Guia turístico / Boletim da Junta de Freguesia de Delães*. Delães: Junta de Freguesia de Delães, [s. d.], Capa e p. 11. – Exemplar em depósito na Biblioteca Municipal Camilo Castelo Branco (B.M.C.C.B.), V. N. Famalicão.



Semanário católico regionalista “Notícias de Famalicão” um artigo capaz de aferir, pela primeira vez e de forma irrefutável, a demolição total da antiga Igreja<sup>5</sup>.

Já que desde meados de abril e pela matéria reproduzida na imprensa de época<sup>6</sup> (nem sempre clara sobre esta temática), os procedimentos de desmembramento da Igreja Paroquial foram graduais e coincidentes com edificações de parcelas do futuro templo. Caso, por exemplo, da sua renovada Capela-mor cujas paredes e amplitude, embora num estado profundamente embrionário, já se encontrariam erigidas e delimitadas aquando da cerimónia presidida no dia 15 de maio de 1960 pelo Arcebispo Primaz em exercício, *D. António Martins Júnior* (1881-1963) (vd. Fig. 17). Na qual benzeu, assinou e levantou solenemente o auto de fundações. E lançou a “Primeira Pedra” do sequente Altar-mor e espaço remanescente da “Igreja Nova” de Delães que viria a inaugurar anos mais tarde, a 8 de setembro de 1963 (vd. Figs. 10 e 19).

Denominada na gíria delaense do século XX pelo termo “Igreja Velha”<sup>7</sup>, este edifício no seu fundamento setecentista (séc. XVIII), sob vontade e tutela do “Abade do Salvador de Delães” (assim referido nas fontes de época), *João Baptista de Azevedo*<sup>8</sup>, substituíra uma “Abadia” precedente<sup>9</sup>. A durabilidade desta construção de cerca de 1745 / 1746 sita no lugar de Loureiro da freguesia de Delães - uma Vila e Paróquia pertencentes ao território concelhio e comarca de Vila Nova de Famalicão (até ao séc. XIX – 1852 - da comarca de Barcelos), e à Arquidiocese de Braga - estendeu-se por cerca de duzentos e catorze anos (1745 / 1746-1960). Na sua génese, a “*Igreja Paroquial do Divino Salvador de Delães*” seguiu uma tipologia de arquitetura regional, cujo decoro interior terá correspondido ao gosto pela “talha gorda” (Smith, 1963, pp. 142-146) que o *Rococó* minhoto preconiza (vd. Figs. 09 e 26 a 29).

Apesar da sua atualização regular<sup>10</sup> e assim como na sua origem esteve a substituição de um edificado de culto que já não corresponderia às diretivas desta comunidade. Também a dita “Igreja Velha” de cariz original *Barroco*, mas sobretudo marcada pelo *Rococó* à “moda do Minho” e de uma só nave, viria a dar lugar, em pleno século XX e na mesma geografia, ao novo Templo de proporção superior. Decorativamente sóbrio, reto e alinhado com os modelos coevos da arquitetura portuguesa sob crivo estético do *Estado Novo* (1926-1974) (vd. Fig. 10).

Em virtude de conversações precedentes, passíveis de situar com maior assertividade nalguns meses de 1959, mas reminiscentes de manifestos, artigos ou alocuções de décadas anteriores (de 1946 por exemplo<sup>11</sup> - vd. Fig. 18), o mês de janeiro de 1960 terá demarcado o arranque oficial das novas empreitadas da Paróquia de Delães. Numa etapa inicial dedicadas à execução da nova Residência do Pároco, inaugurada a 15 de maio de 1960 pelo Arcebispo Primaz bracarense, que nesse mesmo dia e tal como supra referido lança simbolicamente, perante as autoridades civis e eclesiásticas da Vila e Paróquia, seu principal benfeitor e comunidade geral, a “Primeira Pedra” do Altar-mor e restante extensão da “Igreja Nova”, em pleno espaço da futura e ampla

---

[5] Cf. *Notícias de Famalicão*, 08/07/1960, p. 2.

[6] Cf. *Diário do Minho*, 30/05/1960, [s. p.]. ; *O Comércio do Porto*, 08/06/1960, [s. p.]. ; As edições de 22/01; 19/02; 22/04 (p. 3); 06/05 (p. 1 - capa) e 20/05 (pp. 1-3) do ano de 1960 do periódico *Notícias de Famalicão*.

[7] Cf. Junta de Freguesia de Delães, [s. d.], p. 15.

[8] Cf. A. D. B., 1748-01-22.

[9] Cf. A. D. B., 1724-01-08.

[10] Cf. A. D. B., 1748-10-29. ; 1748-01-22. ; 1757-07-30.

[11] Cf. *Notícias de Famalicão*, 07/09/1946, [s. p.].

7. e 8. “Igreja Velha do Divino Salvador de Delães” em 1955. B.M.C.C.B., V.N. Famalicão. Fotografias de Vasco de Carvalho (1888-1961).

9. “Igreja Velha do Divino Salvador de Delães” num momento prévio a 22 de abril de 1960. Digitalização parcial de uma das páginas do Boletim editado pela Junta de Freguesia de Delães, cujas referências acerca do ano de publicação não nos foram possíveis de apurar até à data. A par do parágrafo que sustenta a informação de que a Talha dourada da “Igreja Velha” do Divino Salvador de Delães transitou para o Museu de Lamas, esta página veicula um registo fotográfico precedente a 22 de abril de 1960, representativo do interior, nave única e Capela-mor desse Templo delaense, antes do seu despojamento e demolição. Apesar do foco incidir no matrimónio em curso, o enquadramento capta, com distância acentuada, alguns pormenores do Retábulo-mor e de um dos dois Retábulos laterais da extinta, no formato original setecentista (séc. XVIII), Matriz de Delães. Ext.

JUNTA DE FREGUESIA DE DELÃES - *Guia turístico / Boletim da Junta de Freguesia de Delães*. Delães: Junta de Freguesia de Delães, [s. d.], p. 15. – Exemplar em depósito na B.M.C.C.B., V.N. Famalicão.

10. Inauguração, a 8/09/1963, da “Igreja Nova do Divino Salvador de Delães”. Arquivo pessoal de Carlos Correia (descendente de Augusto Correia de Abreu (1890-1966)), V.N. Famalicão. Fotografia de autoria desconhecida.

11. Digitalização do anúncio de venda dos três Retábulos *Rococó* da “Igreja Velha” de Delães, publicado a 22/04/1960 no Semanário “Notícias de Famalicão”. B.M.C.C.B., V.N. Famalicão.



7.



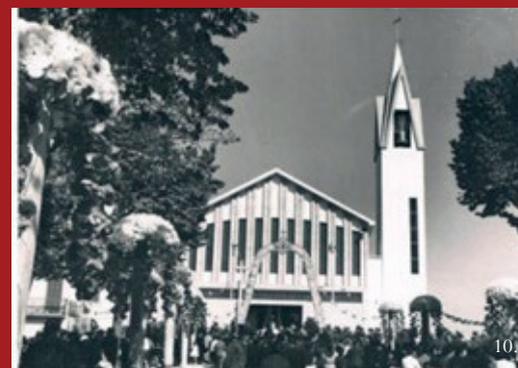
8.



Igreja Velha

Na memória colectiva dos Delaenses ainda perdura a imagem da Igreja Velha, demolida em 1960 para construção da nova Igreja. Os magníficos altares em talha dourada, podem ser apreciados no Museu de Sta. Maria de Lamas.

9.



10.

Casa do Povo onde foi orga-

## Vendem-se

Três altares, talha e estilo D. João V, muito lindos e em bom estado.

Informa o Pároco de Delães.

feitos pelo pessoal cantoneiro incumbido desse serviço que, como é fácil de compreender, é de grande importância para o estudo dos problemas que dizem respeito à construção, reconstrução e beneficiação das estradas nacionais.

Entre nós os srs. dr. Manuel Baptista Dias da Fonseca, António de Matos Correia e

pré o memor acõmmenno.

Figura veneranda e das de maior prestígio da freguesia era por todos muito respeitado e em todos tinha um amigo que ele sabia estimar.

O saudoso extinto era pai das srs. D. Emilia, Joana, Maria, Amélia e Carolina Alves Carneiro e dos srs. José e Manuel Pereira Alves Carneiro e sogro dos srs. Augusto do Vale, Tomaz Alves Carneiro, Ilídio Pinto, Bernardino de Sá, Evaristo da Costa e Sá e das srs. D. Ernestina Alves de Araújo e Maria da Conceição Pinto de Sá Felgueiras.

O funeral realizou-se com gran-

da Costa Correia  
8,30, por José Samp  
Sábado, às 8  
Artur Sousa Lopes

## Agente

Em todo o País pa  
junto dos Lavradore  
bilistas, Comerciant  
tários e Industriais.  
interesse, trabalh  
remunerado.

Capela-mor já com as devidas paredes estabelecidas<sup>12</sup>. Mas com o derradeiro perímetro por demolir e edificar.

Por certo, mesmo que os alvares de 1960, até ao mês de maio, tenham sido dedicados de forma superlativa à incumbência preliminar da renovada Residência Paroquial que coincide, é certo, com edificações parcelares de dependências da “Igreja Nova”, porém antepassa o início massivo da sua estruturação. Neste hiato ter-se-á verificado o processo de desmembramento de algumas estruturas arquitetónicas, alfaias litúrgicas, objetos e património artístico do recheio da “*Igreja do Divino Salvador de Delães*”. Do qual destacamos os três Retábulos *Rococó* adquiridos por *Henrique Amorim*, após o Pároco *Francisco Alves Pimenta* dar conta da sua disponibilidade para venda a 22 de abril (vd. Figs. 11 a 13).

Com maior exatidão cronológica este despojamento interno, para acomodação / guarnição prévia ao reaproveitamento para a “Igreja Nova”. Ou simplesmente para expedição definitiva de objetos artísticos que, apesar de seculares, a Paróquia delaesense não iria incluir na renovada dinâmica religiosa (seja na Matriz ou noutra local de culto sob sua regência), vendendo-os ou, quiçá, destruindo-os, terá decorrido até às cercanias dos meses de maio e junho de 1960. Intervalo mensal passível de datar, de forma documentada, a ocorrência das principais diligências de demolição arquitetónica da dita “Igreja Velha” de Delães<sup>13</sup> (vd. Figs. 32 a 34). Sendo que apenas a 8 de julho deste mesmo ano, tal como mencionado anteriormente, sobressai o primeiro descritivo jornalístico que comprova o seu derrube total<sup>14</sup>.

Tendo por base informações veiculadas nalguns periódicos regionais, datáveis no entremeio cronológico que abrange 1946 e medeia 1959 a 1963, abarcando a circunstância da possível tomada de decisão e o ano de conclusão e abertura ao público do novo edificado (1963), a permuta de estrutura para o culto delaesense da “Igreja Velha” para a “Igreja Nova” surge como reflexo de vontade popular e eclesiástica. Por considerarem, na opinião pública (tanto paroquianos como as mais altas instâncias municipais e arquidiocesanas), o espaço disponível na Igreja setecentista cada vez mais exíguo e incapaz de corresponder às necessidades espirituais de uma população em franco crescimento<sup>15</sup>.

Neste processo deliberativo, cumprimento de providências, acompanhamento e angariação de fundos para a empreitada em causa evidenciam-se o Pároco titular, à época, as Comissões fabriqueiras subsecutivas. Instaladas e ativas de 1960 a 1963. E, entre dádivas, procedimentos de recolha de fundos e donativos dos habitantes mais ou menos ilustres desta Vila, da sua autarquia (delaense e famalicense), Arquidiocese e Governo Central, salta à vista o empenho e contributo do empresário têxtil e filantropo local *Augusto Correia de Abreu* (1890-1966)<sup>16</sup> (vd. Figs. 14 a 16).

Tal como descrito previamente, a “Igreja Nova” do *Divino Salvador de Delães* foi construída

---

[12] Cf. *Notícias de Famalicão*, 20/05/1960, p. 3. ; *Diário do Minho*, 30/05/1960, [s. p.].

[13] Com referência cronológica correspondente a 31/05/1960, subsiste um documento de época exposto num Mausoléu do Cemitério Paroquial de Delães, alusivo à trasladação de “*Maria Teresa de Azevedo Carvalho*” (vd. Fig. 33). Benfeitora local e cuja sepultura e respetivo corpo (vd. Fig. 34), nos procedimentos de demolição da “*Igreja do Divino Salvador de Delães*” para edificação da “Igreja Nova”, foi encontrado praticamente incorrupto – cf. *O Comércio do Porto*, 08/06/1960, [s. p.]. – vd. Fig. 32.

[14] Cf. *Notícias de Famalicão*, 08/07/1960, p. 2.

[15] Cf. *Notícias de Famalicão*, 19/02/1960, [s. p.].

[16] Cf. *Notícias de Famalicão*, 20/05/1960, p. 3. ; *Jornal de Riba d’ Ave*, 31/08/1963, [s. p.].

no mesmo lugar da predecessora, demolindo-a no seu imóvel e despojando-se de grande parte do seu interior, sendo inaugurada ao culto a 8 de setembro de 1963 na presença do condecorado benemérito, das autoridades civis e religiosas locais, da população em massa e de altos dignitários políticos, sociais e clericais da região e do país (presididos pelo Arcebispo Primaz bracarense – vd. Fig. 19). Embora no conhecimento genérico da população, durante décadas, a informação de que pouco ou nada tenha sido reaproveitado do formato derradeiro da “Igreja Velha” para a “Igreja Nova” tenha prevalecido, sobretudo pelo desmantelamento total do edifício precursor e ocorrência da venda dos seus três Retábulos de Talha dourada para incorporação no universo museológico lamacense. A realidade, aquando das diligências de investigação e análises propagadas, demonstram precisamente o contrário.

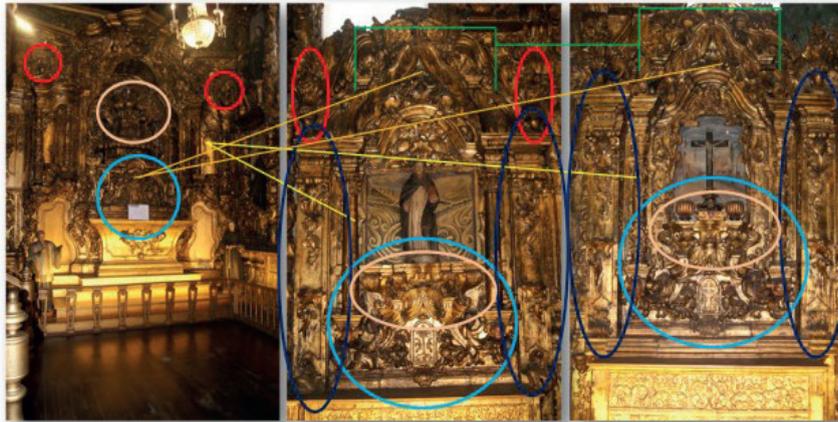
Não obstante a perda (por venda ou até destruição), de alguns elementos artísticos que tal como a Retabulística não prevaleceram no território e culto delanese. A título de exemplo, a par de alguma paramentaria, alfaias litúrgicas, fólhos, ourivesaria, joalheria, prataria, relojoaria, mobiliário ou dos quatro sinos de 1933 e 1936 recolocados na Torre sineira da nova Matriz, grande parte das esculturas de Imaginária internas e externas, balizadas desde o terceiro quartel do séc. XVIII (a partir de 1745 / 1746), à década de 1950, foram preservadas e alocadas, juntamente com elementos atualizados, na “Igreja Nova” do *Divino Salvador de Delães*. E aí permaneceram.

Também a imprensa local dá conta, a 8 de julho de 1960, da possível reutilização de parques despojos da “Igreja Velha” na recuperação de uma capela / ermida local, denominada de “*São Miguel-o-Anjo*”<sup>17</sup>.

### Os três Retábulos de Talha dourada de século XVIII e gramática própria do Rococó minhoto

Embora não seja única, a exceção mais significativa de desaproveitamento para o novo local de culto delaense e respetiva trasladação, aparentemente por ato comercial, para outra geografia e funcionalidade distinta da sua origem – cujo anúncio de disponibilidade para venda, de 22 de abril de 1960, atesta - está patente na conhecida “viagem” de Delães até Santa Maria de Lamas do Retábulo e Altar-mor (vd. Fig. 20) e dos dois Retábulos e altares laterais (vd. Figs. 21 e 22) que até 1960 figuraram como únicos na dita “Igreja Velha” do *Divino Salvador*. Enquadráveis no terceiro quartel do século XVIII sobretudo – datação que se poderá estender até ao fim da centúria (Smith, 1963, p. 129 ; Ferreira-Alves, 2003, p. 735 ; Lameira, 2006, p. 353) - esses três Retábulos de Talha dourada evidenciam, do ponto de vista estilístico, pormenores gramaticais próprios de um certo *Rococó* do Norte de Portugal. Sob variante regional minhota (Smith, 1963, p. 142 ; Oliveira, 2003, p. 181).

[17] Cf. *Notícias de Famalicão*, 08/07/1960, p. 2.



12.

12. Esquema demonstrativo de correspondência estilística e identificação inequívoca de pormenores decorativos do Retábulo e Altar-mor e dos dois Retábulos laterais da segunda metade do século XVIII, sobretudo do terceiro quartel da centúria, de linguagem *Rococó*, provenientes da demolida “Igreja Paroquial do Divino Salvador de Delães” (os únicos desse Templo prévio). E expostos, sensivelmente desde 1960, após 22 de abril desse mesmo ano, na “Sala da Capela de Delães” do Museu de Lamas. M.S.M.L., S. M. Lamas. Fotografias de José C. Amorim.

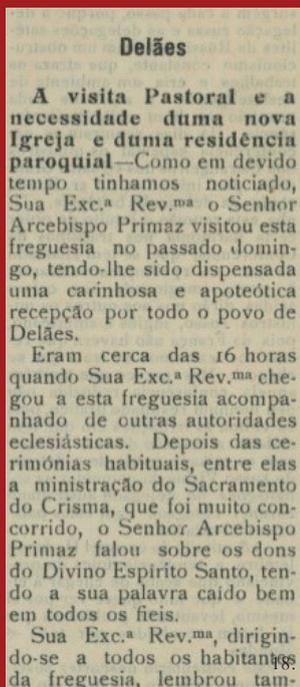
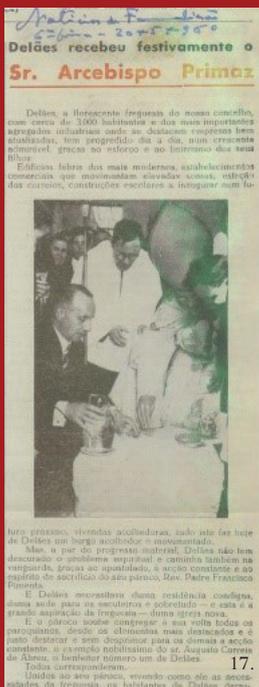
13. Esquema demonstrativo de correspondência estilística e identificação inequívoca de pormenores decorativos – tais como fórmulas contracurvadas, motivos antropomórficos (“mascões”), fitomórficos, vegetalista, cartelas assimétricas, festões, “rocalhas”, “concheados”, “flamejantes”, tipologias de estípites, peanhas, pilastras, mísulas, volutas, nichos, sacrários, trono ou camarim - do Retábulo e Altar-mor e dos dois Retábulos laterais da segunda metade do século XVIII, sobretudo do terceiro quartel da centúria, de linguagem *Rococó*, oriundos da demolida “Igreja Paroquial do Divino Salvador de Delães”. M.S.M.L., S. M. Lamas. Fotografias de José C. Amorim.



13.

14., 15. e 16. Em cima: Modelo / Esboço / Estudo preparatório / Molde de gesso para um Busto representativo do filantropo delaense e famalicense Augusto Correia de Abreu (1890-1966). Modelado no ano de 1963 por autoria / sob orientação do escultor gaíense José Fernandes de Sousa Caldas (1894-1965) (tendo por base a assinatura e datação inscritas no reverso – “S. CALDAS / 1963” – vd. Fig. 15, em cima, à direita), este Estudo preparatório / Molde de gesso integra a Coleção de Estatuária contemporânea que Henrique Amorim (1902-1977) incorporou na “Sala dos Escultores” do Museu de Lamas. E antecede, através do ensaio de gesso, a produção final, em bronze, do registo de retratística que impera desde 08 de setembro de 1963 - momento no qual foi descerrado juntamente com a placa honorífica “Ao Comendador Augusto Correia” - nas imediações da “Igreja Nova” do Divino Salvador de Delães” (vd. Fig. 16, em baixo). A sua produção resultou de iniciativa da Junta de Freguesia de Delães e homenageou este vulto pela benemerência em prol da construção da “Igreja Nova” e de numerosas valências com as quais dotou a vila delaense. Figuras 14 e 15, M.S.M.L., S. M. Lamas. Fotografias de José C. Amorim. Figura 16, Arquivo e plataforma digital “Famalicão ID” (fundo da Câmara Municipal de V. N. Famalicão). - Ext. <http://famalicao.org/inweb/ficha.aspx?ns=215000&id=400> - 26/07/2020, 11 h 35 m.





17. e 18. À esquerda, Fig. 17 - Digitalização de parte da primeira página do periódico "Notícias de Famalicão. Semanário católico regionalista", na sua edição publicada a 20 de maio de 1960. Entre outros aspetos, este número, através do artigo intitulado "Delães recebeu festivamente o Sr. Arcebispo Primaz", descreveu aprofundadamente a visita oficial de D. António Bento Martins Júnior (1881-1963), na qual, a 15 de maio de 1960, o Prelado inaugurou a nova Residência Paroquial e, no perímetro da já erigida (embora de forma superficial), e delimitada "Capela-mor", estabeleceu "Auto de fundação" e lançou simbolicamente a "Primeira Pedra" para a obra do futuro Altar-mor e arquitetura remanescente da "Igreja Nova" delaense. À direita, Fig. 18 – Pormenor de uma das páginas da edição de 7 de setembro de 1946 do semanário católico "Notícias de Famalicão", na qual se evidencia o artigo designado "Delães. A visita pastoral e a necessidade duma nova Igreja e duma residência paroquial". Mediante abordagem à visita do Arcebispo Primaz bracareense concretizada a 1 de setembro de 1946, este apontamento jornalístico enfatiza as palavras de D. António Bento Martins Júnior que, em plena década de 1940, a par de outras temáticas e referências, elencou como necessidade premente da Paróquia de Delães a construção de uma nova Igreja, de dimensão superior e capaz de suprir, na sua plenitude, as exigências da população local. Figura 17 – Ext. *Notícias de Famalicão. Semanário católico regionalista*. Vila Nova de Famalicão. (Sexta-feira, 20 de maio de 1960), p. 1. Figura 18 – Ext. *Notícias de Famalicão. Semanário católico regionalista*. Vila Nova de Famalicão. (Sábado, 7 de setembro de 1946), [s. p.]. – Ambos os periódicos preservados no fundo próprio da B.M.C.C.B., V. N. Famalicão.

19. Inauguração, a 8/09/1963, da "Igreja Nova do Divino Salvador de Delães". Arquivo pessoal de Carlos Correia (descendente de Augusto Correia de Abreu (1890-1966)), V. N. Famalicão. Fotografia de autoria desconhecida.



Aliás, a época de construção inicial (1745 / 1746) e de algumas melhorias ou ocorrências correspondentes à orgânica e estruturas da Igreja e Paróquia do *Divino Salvador de Delães*, documentadas até 1756, coincidem com a presença à frente dos destinos da Arquidiocese de Braga do icónico Arcebispo Primaz *D. José de Bragança* (1703-1756) – “Senhor de Braga” de 1741 a 1756. Irmão do monarca *D. João V* (1689-1750) e um dos grandes responsáveis pelo acolhimento, gosto e disseminação deste novo estilo setecentista, distinto nesta geografia do *Rococó* que se pratica no resto do país<sup>18</sup>, através dos artistas que acolhe, modelos que defende e em parte promove nos territórios sob sua tutela (Oliveira, 2003, pp. 175, 178 e 180 ; Rocha, 2010-2012, p. 340 ; Oliveira, 2013, pp. 66-67).

Mesmo que a sociedade e os artistas coevos, de meados do séc. XVIII, não tenham sido unânimes na compreensão do *Rococó* em Portugal e a própria História da Arte ainda se divida entre correntes que o identificam como estilo próprio e outras apenas como inexistente na sua autonomia e mero declínio / exagero do *Barroco* (Pereira e Pereira, 1989, p. 416 ; Oliveira, 2016, p. 123). É este princípio estético que predomina nos três Retábulos identificados. Cujas escalas permitem perceber, em contraponto, que um deles de maior dimensão, virtuosismo e munido de estruturas capazes de cumprir essa funcionalidade ocuparia o espaço de Retábulo e Altar-mor. Sendo os restantes, de métrica inferior mas equivalentes entre si e com o próprio Altar-mor em pormenores do seu traçado e aparato decorativo original, os dois Retábulos laterais do espaço religioso delaense.

---

[18] Alguns autores de referência no estudo da Talha em Portugal, tais como *Robert Smith*, designam a Retabulística e a Talha *Rococó* desenvolvida no Minho pelo termo próprio: “*Talha gorda*” – cf. Smith, 1963, pp. 142-146.

Sem dúvida um conjunto retabular com hierarquia e propósitos prévios bem definidos e discerníveis, mesmo que hoje em dia os seus três elementos permaneçam “engolidos” por toda a profusão decorativa da sala que os acolhe. Que por si só, não obstante a ensablagem museológica de que foram alvo, a densidade que os envolve não consegue omitir a conformidade entre o programa de cada um destes três Retábulos. Dos quais a observância atenta, destaca diferentes minudências de estilo, influência regional ou quadro produtivo oficial (Ferreira-Alves, 1989, pp. 61-62) em termos de traçado (desenho do “risco”), estrutura, iconografia ou ornato típico do *Rococó* minhoto e que prevalecem intactas na sua extensão. Tais como fórmulas contracurvadas e alguma repetição de motivos antropomórficos (“mascarões”), fitomórficos, vegetalistas, cartelas assimétricas, festões, “rocalhas”, “concheados”, “flamejantes”, tipologias de estípites, peanhas, pilastras, mísulas, volutas, nichos, sacrários, trono ou camarim (Smith, 1949, [s. p.] ; Smith, 1963, pp. 142-146 ; Cardona, 2013, pp. 863-867). Grande parte dos mesmos motivos e pormenores *Rococó* de que a presença em fotografias prévias à demolição da “Igreja Velha” de Delães (vd. Figs. 12, 13, 20 a 22, 30, 31 e 35 a 52) - recolhidas e analisadas em primeira mão neste estudo - permitiu a devida identificação desta Retabulística.

Esta tríade de Retábulo-mor e dois Retábulos laterais contempla aqueles que seriam os únicos elementos deste género no espaço religioso precedente. Aliás, este número de Retábulos



20. Antigo Retábulo-mor de Talha *Rococó* da “Igreja Velha de Delães”, 2.ª metade / 3.º quartel do séc. XVIII. M.S.M.L., S. M. Lamas. Fotografia de José C. Amorim (2020).

21. Um dos dois antigos Retábulos laterais de Talha *Rococó* da “Igreja Velha de Delães”, 2.ª metade / 3.º quartel do séc. XVIII. M.S.M.L., S. M. Lamas. Fotografia de José C. Amorim (2020).

22. Outro dos dois antigos Retábulos laterais de Talha *Rococó* da “Igreja Velha de Delães” (ligeiramente estropiado), 2.ª metade / 3.º quartel do séc. XVIII. M.S.M.L., S. M. Lamas. Fotografia de José C. Amorim (2020).



e Altares está registado documentalmente desde 1758 nas “*Memórias Paroquiais de Delães e Vermoim*” (vd. Fig. 23), como podemos verificar no seguinte parágrafo:

“(...) *Tem trez altares, o principal do Salvador, outro de Nossa Senhora da Purificação, o terceiro de São Sebastião (...)*”<sup>19</sup>.

Os arrolamentos posteriores, sobretudo o de 1911 que se estende até 1928<sup>20</sup> na sequência da “Lei Republicana de Separação do Estado das Igrejas”, não contém evidências acerca de qualquer aumento do número de Retábulos e Altares da nave única da extinta Igreja. A maioria dos testemunhos de “tradição oral” e/ou “memória popular” dos delãesenses que vivenciaram o culto *in situ* na “Igreja Velha” do *Divino Salvador*, confirmam essa numeração de apenas três Retábulos munidos de Altar até ao momento da demolição desta arquitetura. E, do ponto de vista documental, tanto o manuscrito do historiador famalicense *Vasco de Carvalho* (1888-1961) de 10 de fevereiro de 1955 – descritivo, cinco anos antes da sua demolição, do espaço e património interior e exterior da “Igreja Velha” (vd. Figs. 24 e 25) - como o próprio anúncio de disponibilidade de venda da Retabulística publicado a 22 de abril de 1960 (vd. Fig. 11), ratificam inequivocamente essa mesma quantia:

[19] Cf. Arquivo Nacional da Torre do Tombo (A.N.T.T.), 1758 - 1722/1832, vol. 13, n.º 11, pp. 61 a 64.

[20] Cf. Arquivo e Biblioteca Digital do Ministério das Finanças (A. B. D. M. F.), 1911-08-28 a 1928-01-26, Liv. 18, fl. 78-82.

[21] Cf. Carvalho, 1955, [s. p.].

[22] Identificativo do *Rococó* nalguma documentação portuguesa, não só de século XVIII mas extensível ao século XX – cf. Rocha, 2010-2012, p. 340.

[23] Cf. *Notícias de Fimalição*, 22/04/1960, p. 3.

“(...) *Tem o altar-mor, e no arco do cruzeiro do lado do Evangelho, o altar da S.ra das Candeias, e do lado da Epístola o do Coração de Jesus (...)*”<sup>21</sup>

“(...) *Vendem-se três altares, talha e estilo D. João V<sup>22</sup>, muito lindos e em bom estado. Informa o Pároco de Delães (...)*”<sup>23</sup>

Se as três estruturas de Retabulística em Talha dourada aferidas desde 1758 nas “*Memórias Paroquiais*” seriam as mesmas que chegaram séculos depois, a partir de abril de 1960, ao *Museu de Lamas*, não possuímos, até agora, fundamentos suficientes para o afirmar peremptoriamente. Mas é legítima a suposição executada, especialmente pelo hiato cronográfico que o seu programa plástico *Rococó* sugere, o terceiro quartel do século XVIII, no qual figura o ano de 1758.

Porém, até obtermos evidências que plasmem irrefutavelmente o(s) ano(s) de produção e acabamento destes elementos, mormente o seu “risco” ou contratos de execução caso subsistam, é plausível equacionar que este conjunto retabular chegado a St.ª M.ª de Lamas poderia advir, não só, da construção inicial da “Igreja Velha” de Delães (1745 / 1746), ou de uma data próxima; de um qualquer melhoramento decorrente até 1758. Ou, por fim, de determinada cronologia e intervenção posterior às “*Memórias Paroquiais*” de 1758, balizada desde aí até cerca de 1775, o término do terceiro quartel do século (Ferreira-Alves, 2003, pp. 740-741). Período de maior vigência desta gramática *Rococó* no território minhoto, sem descurar



a hipótese de prolongamento deste marco temporal até ao próprio término de setecentos, dada a permanência da mesma até ao limiar do *Neoclassicismo* oitocentista (Smith, 1963, p. 129).

Aliás *Robert Smith* (1912-1975), pioneiro no estudo da Talha portuguesa, profundo conhecedor do *Barroco* e do *Rococó* bracarense, e por conseguinte minhoto, ao fotografar entre 1962 a 1964 e em contexto de visita(s) ao *Museu de Lamas* (vd. Figs. 30 e 31), dois pormenores de estilo *Rococó* capazes de demarcar o antigo Retábulo-mor delaense (e que se repetem, numa escala inferior, nos dois Retábulos laterais), propôs, apenas pela observância das formas e sem possuir suporte documental, um intervalo de aproximadamente quinze anos para datar estes elementos, de cerca de 1760 a 1775<sup>24</sup>. Até ao final do terceiro quartel de setecentos portanto.

Todavia, esta estimativa não invalidaria, de todo, a hipótese da Retabulística em causa anteceder nalguns anos a divisa inicial de 1760 que *Robert Smith* sugere. Podendo a sua produção reportar a 1758 ou a algum ano precedente, pela tal referência escrita de três Retábulos nas “*Memórias Paroquiais de Delães e Vermoim*”.

---

[24] O Arquivo digital da Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian identifica da seguinte forma as duas fotografias nas quais *Robert Smith* regista, no *Museu de Lamas*, pormenores do antigo Retábulo-mor delaense: “*Museu de Santa Maria de Lamas, Santa Maria da Feira, Portugal / Retábulo de Famalicão: pormenor, ca. 1760-75, século 18. / Fotografia: Robert Chester Smith (1912-1975). / Data de produção da fotografia original: 1962-1964. / [CFT008.0071.ic] & [CFT008.0072.ic]*”.

[25] Cf. As edições de 22/01; 23/09 (p. 2); 30/09 (p. 7); 7/10 (p. 2); 14/10 (p. 2); 21/10 (p. 2); 28/10 (p. 2); 11/11 (p. 2); 18/11 (p. 2) e 25/11 (p. 2), do ano de 1960 do periódico *Notícias de Famalicão*.

Sobre o procedimento de extração dos três Retábulos delaenses e posterior venda a *Henrique Amorim* – vulto cuja propensão para investimentos, adição colecionista e afeto pela Arte Sacra seria amplamente conhecido na região e no país (Gonçalves, 1959-1981, pp. 85-86) - pouco se sabe. Exceção feita ao já citado anúncio jornalístico de disponibilização para venda desta Talha dourada que *Francisco Alves Pimenta* fez publicar a 22 de abril de 1960.

Em grande medida pelo descuido que o próprio Fundador do Museu sempre demonstrou pelo arquivo, registo ou documentação dos seus atos. Prevalece apenas o pensamento genérico de que esta operação comercial, consumada mediante aquisição direta e não por procedimento de leilão tendo em conta a “peça” jornalística do anúncio de venda, teve como propósito exclusivo assegurar mais uma fonte de rendimento a somar à comparticipação estatal e diocesana, aos leilões, desfiles, cortejos, contributos, atividades, dádivas e peditórios preconizados pelos habitantes dos diferentes lugares da Vila de Delães<sup>25</sup>. E ao financiamento significativo do benemérito *Augusto Correia de Abreu* para suporte e termo da construção da “Igreja Nova”.

Subsistirá, decerto, alguma especulação até ao devido alcance de documentos diversos ou fontes fidedignas, caso existam, que consigam esclarecer os moldes através dos quais esta Talha foi realmente colocada à venda. Ou seja, apesar de identificarmos o anúncio difundido a 22 de abril de 1960, carece aferir de que jeito *Henrique Amorim* chegou ao seu conhecimento, manifestou interesse, deferiu propostas e rematou a operação.

Perdura a dúvida se esta empatia e interesse derivou, porventura, do cruzamento de informações, recomendação por parte de algum antiquário / comerciante de arte de sua



26. Matrimónio ocorrido na "Igreja Velha" de Delães num mês / ano precedente a 22/04/1960: à esquerda, pormenor visível do Retábulo-mor *Rococó*, hoje e desde 1960 no M.S.M.L.. Arquivo familiar delaense, Delães. Fotografia de autoria desconhecida, recolhida e cedida por José Pereira.



27. e 28. Matrimónio ocorrido na "Igreja Velha" de Delães num mês / ano precedente a 22/04/1960: à direita, pormenores visíveis de um dos seus dois Retábulos laterais *Rococó*, hoje e desde 1960 no M.S.M.L.. Arquivo familiar delaense, Delães. Fotografias de autoria desconhecida, recolhidas e cedidas por José Pereira.



29. Matrimónio ocorrido na "Igreja Velha" de Delães num mês / ano precedente a 22/04/1960: à esquerda, pormenores visíveis de um dos seus dois Retábulos laterais *Rococó*, hoje e desde 1960 no M.S.M.L.. Arquivo familiar delaense, Delães. Fotografia de autoria desconhecida, recolhida e cedida por José Pereira.



30. Pormenores decorativos do antigo Retábulo-mor Rococó da “Igreja Velha” de Delães após ensablagem no M.S.M.L., 1962-1964. Arquivo e Biblioteca Digital de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa. Fotografia de Robert Smith (1912-1975).

31. Pormenores decorativos do antigo Retábulo-mor Rococó da “Igreja Velha” de Delães após ensablagem no M.S.M.L., 1962-1964. Arquivo e Biblioteca Digital de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa. Fotografia de Robert Smith (1912-1975).

32. Digitalização de pormenor de uma das páginas do periódico “O Comércio do Porto”, na sua edição difundida a 8 de junho de 1960. Entre outros aspetos, este número, através de artigo intitulado “Um cadáver enterrado na Igreja de Delães há 81 anos está perfeitamente incorrupto”, descreveu aprofundadamente o achado, derivado de diligências de desmembramento e escavação da Capela-mor da “Igreja Velha” do Divino Salvador de Delães, do corpo incorrupto de “Maria Teresa de Azevedo Carvalho” – trasladado para o Cemitério local a 31 de maio de 1960. Ext. *O Comércio do Porto*. Porto. (Quarta feira, 8 de junho de 1960), [s. p.]. – Exemplar em depósito na B.M.C.C.B., V. N. Famalicão.



30.



31.

desta cidade, ao ultrapassar outro veículo, foi embarrado por uma bicicleta tripulada por José Alexandr Ribeiro Teixeira, residente na mesma Avenida, tendo resultado do acidente avarias nos dois veículos e ferimentos no ciclista.

## UM CADAVER ENTERRADO NA IGREJA DE DELAES HA 81 ANOS

está perfeitamente incorrupto

*Delães*

RIBA D'AVE, 6 — O facto que vamos narrar é o assunto de todas as conversas — não só da freguesia de Delães, onde ocorreu, mas também em toda esta vasta região. Mas contemos o que se passou: como a igreja paroquial de Delães era bastante pequena, e portanto insuficiente para as necessidades espirituais da freguesia, está a proceder-se à sua demolição, e, simultaneamente, à construção de um templo maior. Como no interior da referida igreja existiam 39 sepulturas, já muito antigas, foi resolvido, pelo pároco e pela Junta de Freguesia, que se procedesse a escavações para recolha de todos os ossos, que a seguir seriam trasladados para o cemitério paroquial. Após serem revolvidas 38 sepulturas, na última, a sepultura n.º 1, que faz parte das três que se encontram na capela-mor, as quais eram destinadas aos padres que faleciam na freguesia, apareceu um caixão de chumbo, intacto e em perfeito estado de conservação, enquanto nas restantes sepulturas apenas se encontraram fragmentos de ossos.

Foi dado conhecimento deste achado ao pároco da freguesia e membros da Junta que, na presença de muitas pessoas, mandaram proceder à abertura do referido caixão. Qual não foi porém, a surpresa de todos ao verificarem que no interior do chumbo se encontrava um outro caixão de madeira, também bem conservado, e dentro deste um cadáver intacto que não apresenta o menor sinal de decomposição, e cujas roupas e calçado se encontram em bom estado.

Depois de consultados os livros da igreja foi ouvida a pessoa mais idosa desta região, que é o sr. Fortunato Pinto Carneiro, residente na freguesia de Delães, e que con-

32. Digitalização de pormenor de uma das páginas do periódico "O Comércio do Porto", na sua edição difundida a 8 de junho de 1960. Entre outros aspetos, este número, através de artigo intitulado "Um cadáver enterrado na Igreja de Delães há 81 anos está perfeitamente incorrupto", descreveu aprofundadamente o achado, derivado de diligências de desmembramento e escavação da Capela-mor da "Igreja Velha" do Divino Salvador de Delães, do corpo incorrupto de "Maria Teresa de Azevedo Carvalho" — trasladado para o Cemitério local a 31 de maio de 1960. Ext. *O Comércio do Porto*. Porto. (Quarta feira, 8 de junho de 1960), [s. p.]. — Exemplar em depósito na B.M.C.C.B., V. N. Famalicão.

33. e 34. À esquerda, Fig. 33 - Documento literário, exposto e arquivado no interior de um Mausoléu situado no Cemitério Paroquial de Delães, coevo, por certo, de algumas das principais diligências de demolição e desmembramento - correspondentes ao regular decurso do mês de maio e alvares de junho de 1960 - da "Igreja Paroquial do Divino Salvador de Delães". Bem como, da construção simultânea e parcelar do futuro Templo. Pelo seu teor inscrito este documento é passível de ser encarado como registo informal e descritivo do processo de transição, a 31 de maio de 1960, da dita "Igreja Velha" para o cemitério local, do féretro incorrupto de "Maria Teresa de Azevedo Carvalho". À direita, Fig. 34 - Destaque para um dos onze registos fotográficos de autoria desconhecida, datáveis de 31 de maio de 1960, conservados sob estrutura emoldurada única, suspensa no interior do mesmo Mausoléu localizado no Cemitério Paroquial de Delães, contemporâneos aos principais empreendimentos de derrube da Igreja Paroquial precedente e consecutiva edificação faseada da "Igreja Nova", e do próprio expediente de trasladação da dita "Igreja Velha" para o cemitério local, do féretro incorrupto de "Maria Teresa de Azevedo Carvalho". Cemitério Paroquial de Delães, Delães (V. N. Famalicão). Captação fotográfica dos dois registos de cronologia original prévia, tanto do elemento documental, como da fonte imagética, ocorrida no ano de 2020 sob lente do cidadão delaense Sr. José Pereira - cujos direitos destes ficheiros foram devidamente cedidos para difusão neste procedimento de ensaio científico.

35. 36. e 37. Inteligibilidade de correspondência estilística e identificação de pormenores decorativos do Retábulo e Altar-mor da segunda metade do século XVIII, sobretudo do terceiro quartel da centúria, de linguagem *Rocaille* (Rococó), provindo da demolida "Igreja Paroquial do Divino Salvador de Delães" e exposto, sensivelmente desde 1960, após 22 de abril desse mesmo ano, no Museu de Lamas. Através da observância cuidada e contraponto efetuado entre estrutura retabular *in situ* (na "Sala da Capela de Delães" do Museu), e uma fotografia predecessora a 22 de abril de 1960, veiculativa de alguns instantes de um matrimónio ocorrido no interior da Capela-mor da antiga "Igreja Velha do Divino Salvador de Delães", na qual vislumbramos o pároco, os nubentes e uma criança na "cabeceira" deste Templo junto ao Retábulo e Altar-mor hoje, e desde 1960, remontado no Museu de Lamas. Não existindo um uma fotografia global do Retábulo em causa, neste documento imagético a perceção de que estamos diante do mesmo Retábulo e Altar-mor da "Sala da Capela de Delães", mas ativo no seu propósito e monumento de origem, advém, à esquerda, de um pequeno pormenor decorativo único que este documento imagético eterniza.



confiança. Ou inclusive, se o apreço pelo património delaense oriundo da demolição em curso e vislumbre do anúncio de venda da Retabulística teve na amizade, conhecimento mútuo, relações privilegiadas e/ou contacto com alguma personalidade local de relevo, afincadamente envolvida no processo de angariação monetária de suporte à construção da “Igreja Nova”, os seus fundamentos.

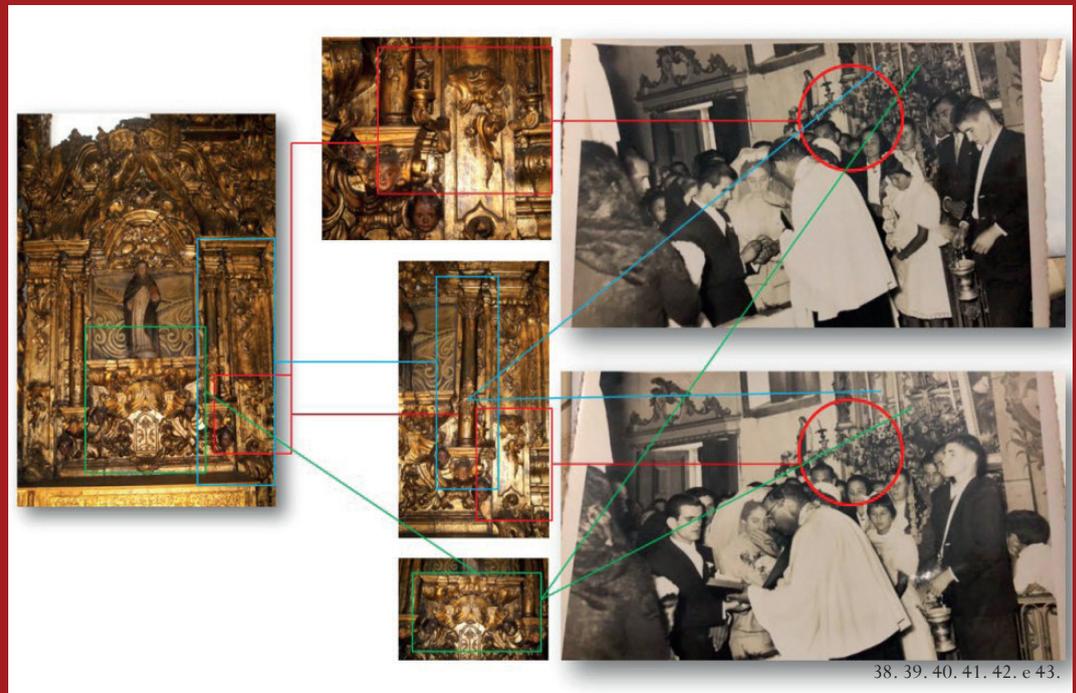
À cabeça, a principal figura passível de associar a esta tese seria *Augusto Correia de Abreu*. Industrial e filantropo coevo, de áreas distintas mas sucesso similar ao seu e, tal como o próprio *Henrique Amorim*, bem posicionado e com contactos vantajosos, fáceis de cruzar e estabelecer, decerto, na sociedade e estruturas do *Estado Novo* português. Curiosamente, na sua coleção de Estatuária contemporânea do *Museu de Lamas*, o Colecionador conserva um Estudo preparatório / Molde de gesso para um busto de bronze no seu formato final, datado de 1963 e modelado sob autoria, ou por orientação, do escultor gaiense *José Fernandes de Sousa Caldas* (1894-1965) - como a assinatura visível no seu reverso sugere - representativo do próprio *Augusto Correia* (vd. Figs. 14 e 15). O segundo registo de estatuária de retratística descerrado em sua homenagem - tal como acontecera previamente a 15 de maio de 1960 – agora na sequência da inauguração da nova e acabada Matriz delaense, a 8 de setembro de 1963 (vd. Fig. 16). Contudo, apesar de peculiar, este facto destituído de outros segmentos comprovativos, testemunhos ou certidões acessórias não pode ser tido como “verdade absoluta”. Abarca somente o cariz de hipótese, tão válida como outra qualquer.

Acerca do transporte e chegada a St.<sup>a</sup> M.<sup>a</sup> de Lamas do Retábulo-mor e dos dois Retábulos laterais da demolida “*Igreja Paroquial do Divino Salvador de Delães*”, pouco ou nada sabemos até à data. Ainda assim, há aspetos decorrentes da incorporação e ensablagem desta Talha *Rococó* no *Museu* passíveis de abordagem. Concomitantemente, tanto as duas fotografias de parcelas do Retábulo-mor que *Robert Smith* executa entre 1962 e 1964 (vd. Figs. 30 e 31), como os diferentes registos imagéticos anónimos, de século XX (predecessores a 22 de abril de 1960), derivados de arquivos pessoais de cidadãos delaenses e que captam, em momentos cerimoniais, parte do Retábulo e Altar-mor e dos dois Retábulos e altares laterais aquando da sua função religiosa e prevalência na “Igreja Velha” de Delães (vd. Figs. 26 a 29). Não obstante o já sublinhado contributo para a identificação exata desta Retabulística (vd. Figs. 35 a 57), sua linguagem plástica e origem, apesar da sua escala tonal cinza, preta e branca, quando comparadas entre si e com os próprios Retábulos *in loco* no Museu, a interpretação destas fotografias permite discernir uma determinada característica visual da Retabulística que se dissipa. Alterando-se, tal como seu desígnio primordial, em virtude da remontagem na “*Sala da Capela de Delães*”.

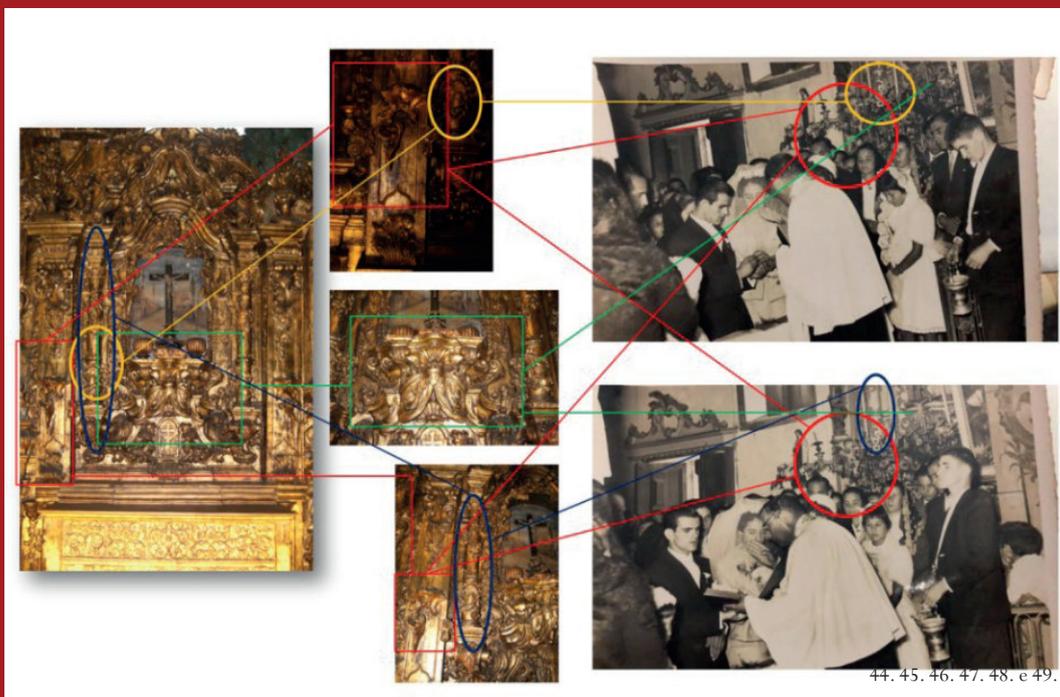
Deste modo, nos segmentos retabulares suscetíveis de reconhecimento através do fundo imagético aferido, que os recorda em plena “Igreja Velha”, o contraste que se descortina entre zonas de

Especificamente de um “mascarão” típico do *Rococó*, mas bastante singular e restrito na sua forma ao conjunto de Retabulística delaense, passível de o demarcar e identificar com margem de erro praticamente nula. Figuras 35 e 36, difusoras da perspetiva geral e do detalhe de um “mascarão” característico do Retábulo e Altar-mor setecentista, ensablado no seu meio expositivo e função museológica atual. Figura 37, Fotografia de autoria não referenciada, proveniente da recolha derivada de Acervos familiares que o cidadão delaense, Sr. José Pereira, preconizou junto da comunidade local. Cedendo posteriormente estes elementos para a investigação em curso. Ausente de menção cronológica exata, este instantâneo histórico será sempre enquadrável no século XX, num momento anterior a 22 de abril de 1960, precedente, portanto, ao derrube da dita “Igreja Velha” em benefício da posterior “Igreja Nova” da Paróquia de Delães. © José C. Amorim.

38. 39. 40. 41. 42. e 43. Perceção de correspondência estilística e identificação de pormenores, ornato e gramática decorativa de um dos dois Retábulos laterais da segunda metade do século XVIII, sobretudo do terceiro quartel da centúria, de linguagem *Rocaille* (*Rococó*), provindo da demolida “Igreja Paroquial do Divino Salvador de Delães” e exposto, sensivelmente desde 1960, após 22 de abril desse mesmo ano, no Museu de Lamas. Através da análise cuidada e contraponto efetuado entre estrutura retabular *in situ* (na “Sala da Capela de Delães” do Museu), e duas fotografias antecessoras a 22 de abril de 1960, difusoras de fonte histórica alusiva à ocorrência de um matrimónio – o mesmo captado na Fig. 37 - no espaço interior da nave única da antiga “Igreja Paroquial do Divino Salvador de Delães”, nas quais vislumbramos o pároco, os nubentes e diversos familiares neste Templo junto a um dos seus dois Retábulos e Altares laterais hoje, e desde 1960, incorporado no Museu de Lamas. Escasseando registos globais do Retábulo em causa, nestes documentos imagéticos a perceção de que poderemos estar diante do mesmo Retábulo ensablado na “Sala da Capela de Delães”, mas em pleno cumprimento da sua função pristina no seu monumento de origem, advém da sinalização de minudências estruturais e estilísticas únicas. Tais como, o formato e posicionamento de nichos, o trono eucarístico, as colunas / pilastras e a tipologia de castiçal embutido. Elementos nos quais impera um profuso vocabulário decorativo de motivos contracurvados, concheados, fitomórficos e flamejantes típicos do *Rococó* ao “gosto minhoto”, bastante singulares e presentes nos três Retábulos delaenses. À esquerda, Figuras 38 a 41, correspondentes à perspetiva geral e diferentes signos decorativos e identitários do antigo Retábulo



38. 39. 40. 41. 42. e 43.



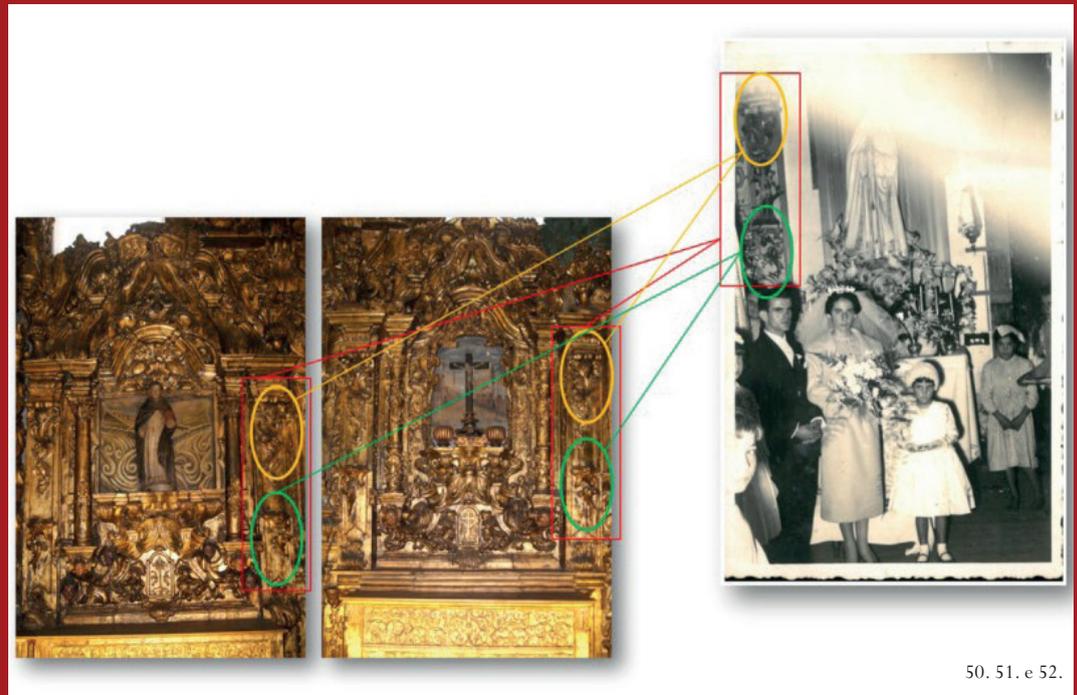
44. 45. 46. 47. 48. e 49.

lateral setecentista, no seu contexto expositivo e função museológica atual. À direita, Figuras 42 e 43, Fotografias de autoria não referenciada, provenientes da recolha derivada de Acervos familiares que o cidadão delense, Sr. José Pereira, preconizou junto da comunidade local. Cedendo posteriormente estes elementos para a investigação em curso. Ausentes de referências cronológicas exatas, estas fontes imagéticas serão sempre enquadráveis no século XX, num momento anterior a 22 de abril de 1960, prévio, portanto, ao desmembramento da dita “Igreja Velha” em benefício da consequente “Igreja Nova” da Paróquia de Delães. © José C. Amorim.

44. 45. 46. 47. 48. e 49. Estabelecimento de correspondência estilística e identificação de pormenores decorativos de um dos dois Retábulos laterais da segunda metade do século XVIII, sobretudo do terceiro quartel da centúria, de gramática *Rocaille* (Rococó), oriundo da demolida “Igreja Paroquial do Divino Salvador de Delães” e exposto, sensivelmente desde 1960, após 22 de abril desse mesmo ano, no Museu de Lamas. Através da análise cuidada e contraponto declarado entre estrutura retabular *in situ* (na “Sala da Capela de Delães” do Museu), e duas fotografias precedentes a 22 de abril de 1960, alusivas à ocorrência de um matrimónio – o mesmo captado na Fig. 37 - no interior da antiga “Igreja Velha do Divino Salvador de Delães”, nas quais vislumbramos o pároco, os nubentes e diversos familiares na nave única deste Templo junto a um dos seus dois Retábulos e Altares laterais hoje, e desde 1960, incorporado no Museu de Lamas. Não abundando registos globais do Retábulo em causa, nestes documentos imagéticos a percepção de que poderemos estar diante do mesmo Retábulo ensablado na “Sala da Capela de Delães”, mas em pleno culto na sua arquitetura de origem, advém do vislumbre de pormenores estruturais e estilísticos únicos. Tais como, o formato e posicionamento de nichos, o trono eucarístico, as colunas / pilastras e a tipologia de castiçal embutido. Elementos nos quais impera uma profusa gramática decorativa de motivos contracurvados, concheados, fitomórficos e flamejantes típicos do *Rococó* ao “gosto minhoto”, bastante singulares e presentes nos três Retábulos delenses. À esquerda, Figuras 44 a 47, correspondentes à perspetiva geral, incidências e signos ornamentais e identitários do antigo Retábulo lateral setecentista, no seu contexto expositivo e função museológica atual. À direita, Figuras 48 e 49, Fotografias de autoria não referenciada, provenientes da recolha derivada de Acervos familiares que o cidadão delense, Sr. José Pereira, preconizou junto da comunidade local. Cedendo posteriormente estes elementos para a investigação em curso. Desprovidos de referências cronológicas exatas, estes documentos imagéticos serão sempre balizáveis no século XX,

num momento anterior a 22 de abril de 1960, antecessor, portanto, ao derrube da dita “Igreja Velha” em benefício da posterior “Igreja Nova” da Paróquia de Delães. © José C. Amorim.

**50. 51. e 52.** Perceção de concordância estilística e identificação de aspetos típicos do *Rococó* presentes no ornamento regular de um dos dois Retábulos laterais da segunda metade do século XVIII, sobretudo do terceiro quartel da centúria, proveniente da demolida “Igreja Paroquial do Divino Salvador de Delães” e exposto, desde 1960, após 22 de abril desse mesmo ano, no Museu de Lamas. Mediante análise atenta e contraponto estabelecido entre estrutura retabular *in situ* (na “Sala da Capela de Delães” do Museu), e uma fotografia prévia a 22 de abril de 1960, eterniza a ocorrência de um matrimónio — o mesmo captado na Fig. 37 - no interior da antiga “Igreja Paroquial do Divino Salvador de Delães”, na qual vislumbramos os nubentes, algumas crianças e demais familiares na nave única deste Templo junto a um dos seus dois Retábulos e Altares laterais hoje, e desde 1960, incorporado no Museu de Lamas. Não prevalecendo registos globais do Retábulo em causa, neste documento imagético o discernimento de que poderemos estar diante de um dos Retábulos laterais delaenses ensablado na “Sala da Capela de Delães”, mas ativo no seu edificado de origem, resulta do visionamento de pormenores estruturais e estilísticos únicos. Tais como, o formato e posicionamento de um nicho e a tipologia de uma pilastra. Elementos nos quais impera um profuso vocabulário decorativo de motivos contracurvados, concheados, fitomórficos e flamejantes típicos do *Rococó* ao “gosto minhoto”, sobejamente singulares nos três Retábulos delaenses. À esquerda, Figuras 50 e 51, difusoras da perspetiva geral de cada um dos dois antigos Retábulos laterais setecentistas, no seu contexto expositivo e função museológica atual. À direita, Figura 52, Fotografia de autoria não referenciada, proveniente da recolha derivada de Acervos familiares que o cidadão delaense, Sr. José Pereira, preconizou junto da comunidade local. Cedendo posteriormente estes elementos para a investigação em curso. Carecedora de divisa cronográfica concreta, este documento e fonte imagética será sempre enquadrável no século XX, num momento anterior a 22 de abril de 1960, antecessor, portanto, à demolição da dita “Igreja Velha” em benefício da posterior “Igreja Nova” da Paróquia de Delães. © José C. Amorim.



50. 51. e 52.



53. 54. 55. 56. e 57. Evidência de contraste entre o douramento total que os Retábulos delaenses receberam, decerto, após aquisição de Henrique Amorim (1902-1977) e sequente ensablagem na “Sala da Capela de Delães” do Museu de Lamas – numa cronologia posterior a 22 de abril de 1960 (vd. Figs. 56 e 57, em baixo). E a dicromia visível entre zonas de tonalidade branca / pérola (ou de velatura clara), e pormenores decorativos munidos de folha de ouro - num reflexo de correntes de gosto e variantes cromáticas de estilo *Rocaille* (Rococó), ou de intervenções posteriores, sobretudo oitocentistas (de séc. XIX), credoras de plasticismos Neoclássicos - que dinamizavam, porventura até à sua permuta funcional e geográfica de Delães para Santa Maria de Lamas, os Retábulos delaenses durante a sua permanência e ofício de culto no interior da dita “Igreja Velha” (vd. Figs. 53, 54 e 55, em cima). Em baixo, figuras 56 e 57, correspondentes à perspetiva geral de cada um dos dois antigos Retábulos laterais setecentistas, no seu contexto expositivo e função museológica atual. Em cima, Figuras 53, 54 e 55, Fotografias de autoria não referenciada, provenientes da recolha derivada de Acervos familiares que o cidadão delaense, Sr. José Pereira, preconizou junto da comunidade local. Cedendo posteriormente este arquivo para a investigação em curso. Carecedores de referências cronológicas exatas, estes documentos e fontes imagéticas serão sempre delimitáveis no século XX, num momento prévio a 22 de abril de 1960, antecessor, portanto, ao derrube da dita “Igreja Velha” em benefício da posterior “Igreja Nova” da Paróquia de Delães. © José C. Amorim.



tonalidade branca / pérola (ou de velatura clara), e pormenores decorativos munidos de folha de ouro, dicotomia procedente de diretivas próprias do *Rococó* original ou de intervenções estéticas posteriores, quiçá *Neoclássicas* (Cardona, 2013, p. 865 ; Smith, 1963, pp. 146-147). Deu lugar, certamente por indicação de *Henrique Amorim*, a um douramento completo (vd. Figs. 53 a 57). Exceção feita aos “mascarões” *sui generis* que, suportando as colunas de cada um dos três Retábulos, distinguem-se como característica de confluência estética da Talha delaense analisada.

Reflexo do gosto, visão e perfil pessoal bastante peculiar do Colecionador que acolhe a Talha extraída da “Igreja Velha” de Delães, o processo de douramento imposto assinala simbolicamente a permuta de ambiência e propósito que esta Retabulística sofreu abruptamente.

Uniformizando-a com os distintos e diversos elementos presentes na sala que a incorpora desde 1960. Em boa verdade, a busca pela composição de uma “*Domus áurea*” (do latim para português “Casa dourada” (Botelho e Ferreira, 2005, p. 15)), orientou *ab initio* a norma estética que, durante a sua vida e atividade colecionista desenvolvida, o próprio *Henrique Amorim* idealizou e almejou disseminar, quase de forma “vírica”, pela maioria das paredes do Museu lamacense que erigiu de raiz e apetrechou, somente pelo capital próprio, com milhares de objetos de arte e artefactos (Gonçalves, 1959-1981, pp. 85-86).

### Conclusão e objetivos futuro

Este estudo encerra a primeira fase de abordagem à Retabulística delaense de cariz *Rococó* que o *Museu de Lamas* acolhe desde 1960. Na investigação, tratamento de dados (inéditos até à data no contexto museológico lamacense, espaço cujo acervo chegou órfão de documentos de suporte à contemporaneidade), e conteúdos produzidos prospeta o esclarecimento fundamentado acerca da quantidade de Retábulos de Delães que esta coleção abarca, sua gramática setecentista. Bem como, o historial do seu extinto monumento de origem. A investigação científica em curso atingiu o seu patamar inicial, mas carece de continuidade.

O procedimento analítico despoletado requer uma pesquisa complementar, atualmente em curso e focada na informação tabeliônica e arquivística passível de granjear e interpretar, com vista a uma segunda etapa descritiva. Capaz de elencar, discernir e abordar com superior profundidade as obras de arte em causa. Nomeadamente a gramática *Rococó* dos três Retábulos, o respetivo ponto de partida da sua existência, autoria(s), “desenhos de risco”, contratos de execução, orçamento(s), intervenções *à posteriori* (em contexto religioso ou museológico), operação de venda, desmembramento, transporte, remontagem, repintes, estropiamento ou adulterações. Ou pelo menos esgotar todas as possibilidades em virtude deste intento.

## Agradecimentos

Dr. Hilário Pereira – Biblioteca Municipal Camilo Castelo Branco (V. N. Famalicão); Sr. José Pereira – Delães; Dr. Paulo Correia – Famalicão ID (Câmara Municipal de V. N. Famalicão);

Dr. Leonel Rocha – Câmara Municipal de V. N. Famalicão; Dr. João Paulo Freitas – Junta de Freguesia de Delães; Arquidiocese de Braga e Paróquia de Delães.

## Abreviaturas e Siglas

A.B.D.M.F. - Arquivo e Biblioteca Digital do Ministério das Finanças.

A.D.B. – Arquivo Distrital de Braga.

A.N.T.T. – Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

B.M.C.C.B. – Biblioteca Municipal Camilo Castelo Branco.

C. – Carlos.

c. – cerca de.

Ca. – Cerca de.

Cf. – Confira.

[coord.]. – coordenação.

[et. al.]. – *et. alli*, e outros.

Ext. – Extraído(a) de(do/da).

Fig. – Figura.

Figs. – Figuras.

Fl. – Folha(s).

h. – horas.

Liv. – Livro.

m. – minutos.

M.<sup>a</sup> – Maria.

M.S.M.L. – Museu de Santa Maria de Lamas.

N.<sup>o</sup> - Número.

p. – página.

pp. – páginas.

[s. d.]. – sem data.

[s. l.]. – *sine loco*, sem local.

S. M. – Santa Maria.

[s. p.]. – sem numeração de página.

S.ra. – Senhora.

St.<sup>a</sup> – Santa.

V. C. – Vasco de Carvalho.

Vd. – *Vide*, veja.  
V. N. – Vila Nova.  
Vol. – Volume.

## Fontes e Bibliografia

Arquivo e Biblioteca digital do Ministério das Finanças (A. B. D. M. F.) - Fundo documental da Comissão Jurisdicional dos Bens Culturais, *Arrolamento dos bens culturais da freguesia de Delães, distrito de Braga, concelho de Vila Nova de Famalicão, constando de: Igreja Matriz de Delães; Capela de São Miguel, 1911-08-28 a 1928-01-26*, Liv. 18, fl. 78-82, PT/ACMF/CJBC/BRA/VNF/AR-ROL/014.

Arquivo Distrital de Braga (A.D.B.), *Título e mandato de capienda possessione da abadia do Salvador de Delães, do termo da vila de Barcelos, a favor de João Batista de Azevedo, natural da cidade de Lisboa e familiar do arcebispo Primaz 1724-01-08*, PT/UM-ADB/DIO/MAB/001/0074/015036.

A.D.B., *Registo de provisão a favor dos moradores da freguesia do Salvador de Delães, deste arcebispado, para poder demolir a igreja da sua freguesia e edificá-la de novo 1745-01-21*, PT/UM-ADB/DIO/MAB/001/0119/025147.

A.D.B., *Registo de provisão de licença a favor do Pároco da freguesia do Salvador de Delães, para na forma do Ritual Romano benzer a igreja da sua freguesia 1746-11-30*, PT/UM-ADB/DIO/MAB/001/0145/031827.

A.D.B., *Provisão a favor de João Batista de Azevedo, Abade da paroquial igreja do Salvador de Delães, para poder benzer o adro da sua igreja 1748-01-22*, PT/UM-ADB/DIO/MAB/001/0171/038701.

A.D.B., *Provisão para que na igreja do Salvador de Delães se possa erigir a Confraria de Nossa Senhora das Candeias 1748-10-29*, PT/UM-ADB/DIO/MAB/001/0071/013918.

A.D.B., *Provisão a favor de João Batista de Azevedo, Abade da paroquial igreja do Salvador de Delães, para colocar o Santíssimo na sua igreja, e estabelecer um legado de 24 missas em cada ano pela alma de Violante Rodrigues 1757-07-30*, PT/UM-ADB/DIO/MAB/001/0114/024071.

Arquivo Nacional da Torre do Tombo (A.N.T.T.), *Delães, Vermoim 1758/1758, Memórias Paroquiais 1722/1832*, vol. 13, n.º 11, pp. 61 a 64.

BOTELHO, Maria Leonor; FERREIRA, Susana Gomes – O Museu de Santa Maria de Lamas: História de um Museu e do seu relançamento. In FREITAS, Ana [et. al.] – *Imaginária Feminina na Arte sacra portuguesa. Processos de conservação e restauro. Coleção do Museu de Santa Maria de Lamas*. [s. l.]: Multitema, 2005, pp. 15 – 19.

CARDONA, Paula Cristina Machado - A talha da fase final do Barroco e a escola regional do Alto-Minho. O caso da Ordem Terceira de Ponte de Lima. In *VI Seminário Internacional Luso-Brasileiro Os Franciscanos no Mundo Português III. O Legado Franciscano*. Porto: CEPESSE / Setembro de 2013, pp. 863 - 867.

CARVALHO, Vasco de - *Listagem de freguesias de V.N. Famalicão com anotações de V.C.* [Manuscrito]. 1955. Acessível na B. M. C. C. B., V. N. Famalicão, Portugal, BMCCB/FLVC 101.

CASA DO POVO DE SANTA MARIA DE LAMAS – *Guia do Museu de Santa Maria de Lamas*. Santa Maria de Lamas: Casa do Povo de Santa Maria de Lamas, 1985.

CLETO, Joel; FARO, Suzana - Museu de Santa Maria de Lamas, Feira. Um sonho de cortiça. *O Comércio do Porto. Revista Domingo*. Porto. (Janeiro de 2000), pp. 21 e 22.

*Diário do Minho*. [s. l.]. (Segunda feira, 30 de maio de 1960), [s. p.].

FERREIRA-ALVES, Natália Marinho – *A Arte da Talha no Porto na Época Barroca (Artistas e Clientela. Materiais e Técnica). Documentos e Memórias para a História do Porto*, Vol. I. Porto: Arquivo Histórico / Câmara Municipal do Porto, 1989.

FERREIRA-ALVES, Natália Marinho – Pintura, Talha e Escultura (séculos XVII e XVIII) no Norte de Portugal. *Revista da Faculdade de Letras. Ciências e Técnicas do Património*. Porto. I Série, vol. 2 (2003), p. 735.

GONÇALVES, A. Nogueira - Coleção do Comendador Henrique Amorim. In *Inventário artístico de Portugal*. Vol. 10. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, 1959–1981, pp. 85 e 86.

*História da Indústria em Portugal*. [s. l.]. Fascículo XI (janeiro de 1961), [s. p.].

*Jornal de Riba d' Ave*. Riba d' Ave. (31 de agosto de 1963), [s. p.].

JUNTA DE FREGUESIA DE DELÃES - *Guia turístico / Boletim da Junta de Freguesia de Delães*. Delães: Junta de Freguesia de Delães, [s. d.].

LAMEIRA, Francisco – O retábulo em Portugal: o Tardobarroco e o Rococó (c. 1746 – c. 1787). *Promontoria*. [s. l.]. Ano 4, n.º 4 (2006), pp. 353 e 355.

MONCADA, Miguel de Cabral - A evolução da escultura sacra portuguesa na colecção de Henrique Amorim. In FREITAS, Ana [et. al.] – *Imaginária Feminina na Arte sacra portuguesa. Processos de conservação e restauro. Colecção do Museu de Santa Maria de Lamas*. [s. l.]: Multitema, 2005, pp. 33 - 35.

*Notícias de Famalicão. Semanário católico regionalista*. Vila Nova de Famalicão. (Sábado, 7 de setembro de 1946), [s. p.].

*Notícias de Famalicão. Semanário católico regionalista*. Vila Nova de Famalicão. Ano V (XXIV) (Sexta-feira, 22 de janeiro de 1960), [s. p.].

*Notícias de Famalicão. Semanário católico regionalista*. Vila Nova de Famalicão. Ano V (XXIV) (Sexta-feira, 19 de fevereiro de 1960), [s. p.].

*Notícias de Famalicão. Semanário católico regionalista*. Vila Nova de Famalicão. Ano VI (XXV) (Sexta-feira, 22 de abril de 1960), p. 3.

*Notícias de Famalicão. Semanário católico regionalista*. Vila Nova de Famalicão. (06 de maio de 1960), p. 1.

*Notícias de Famalicão. Semanário católico regionalista*. Vila Nova de Famalicão. (Sexta feira, 20 de maio de 1960), pp. 1 e 3.

*Notícias de Famalicão. Semanário católico regionalista*. Vila Nova de Famalicão. (08 de julho de 1960), p. 2.

*Notícias de Famalicão. Semanário católico regionalista*. Vila Nova de Famalicão. (23 de setembro de 1960), p. 2.

*Notícias de Famalicão. Semanário católico regionalista*. Vila Nova de Famalicão. (30 de setembro de 1960), p. 7.

*Notícias de Famalicão. Semanário católico regionalista*. Vila Nova de Famalicão. (07 de outubro de 1960), p. 2.

*Notícias de Famalicão. Semanário católico regionalista*. Vila Nova de Famalicão. (14 de outubro de 1960), p. 2.

*Notícias de Famalicão. Semanário católico regionalista.* Vila Nova de Famalicão. (21 de outubro de 1960), p. 2.

*Notícias de Famalicão. Semanário católico regionalista.* Vila Nova de Famalicão. (28 de outubro de 1960), p. 2.

*Notícias de Famalicão. Semanário católico regionalista.* Vila Nova de Famalicão. (11 de novembro de 1960), p. 2.

*Notícias de Famalicão. Semanário católico regionalista.* Vila Nova de Famalicão. (18 de novembro de 1960), p. 2.

*Notícias de Famalicão. Semanário católico regionalista.* Vila Nova de Famalicão. (25 de novembro de 1960), p. 2.

*O Comércio do Porto.* Porto. (Quarta feira, 8 de junho de 1960), [s. p.].

OLIVEIRA, Eduardo Pires de - Os alvares do rococó em Guimarães. In *BARROCO: ACTAS DO II CONGRESSO INTERNACIONAL*. Porto: Universidade do Porto. Faculdade de Letras. Departamento de Ciências e Técnicas do Património, 2003, p. 181.

OLIVEIRA, Eduardo Pires de - André Soares em Guimarães. *Monumentos. Cidades, Património, Reabilitação*. Guimarães. N.º 33 (abril de 2013), pp. 66 e 67.

OLIVEIRA, Eduardo Pires de - André Soares e a Arte do retábulo. In *GLÓRIA, Ana Celeste [coord.] - O Retábulo no espaço Ibero-americano: Forma, função e iconografia*. Vol. I. Lisboa: Instituto de História da Arte, 2016, p. 123.

PEREIRA, José Fernandes; PEREIRA, Paulo – *Dicionário da Arte Barroca em Portugal*. [s. l.]: Editorial Presença, 1989, p. 416.

ROCHA, Manel Joaquim Moreira da – Arquitectura Religiosa Barroca em Braga. *Revista da Faculdade de Letras. Ciências e Técnicas do Património*. Porto. Vol. IX-XI (2010-2012), p. 340.

SANTOS, Carlos Oliveira - *Amorim. História de uma Família (1870-1997). 1.º Volume: 1870-1953*. Mozelos: Grupo Amorim, 1997, pp. 33 - 93.

SMITH, Robert - A Arte Barroca de Portugal e do Brasil. *Panorama. Revista Portuguesa de Arte e Turismo*. [s. l.]. Vol. 7, n.º 38 (1949), [s. p.].

SMITH, Robert – *A Talha em Portugal*. Lisboa: Livros Horizonte, 1963.  
*União. Mensário de Santa Maria de Lamas*. Santa Maria de Lamas. Ano IV, n.º 39 (fevereiro de 1978), [s. p.].